

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A RECONSTRUÇÃO DE
MANIFESTAÇÕES EXPRESSIVAS: IMAGENS DE LAGUNA, SC¹**
*HERITAGE EDUCATION AND THE RECONSTRUCTION OF
EXPRESSIVE MANIFESTATIONS: IMAGES FROM LAGUNA, SC*

Enviado em 13 de março de 2015

Aceito em 26 de abril de 2015

Rodrigo Manoel Dias da Silva²

Resumo: O presente ensaio visual pretende evidenciar os processos de reconstrução de manifestações expressivas e do patrimônio cultural em contextos escolares. Empiricamente, o autor expõe uma sequência de dez imagens coletadas em estudo etnográfico desenvolvido em Laguna, Santa Catarina, cujo objetivo consiste na análise das relações entre educação escolar e patrimonialização cultural em municípios que sofreram processos de tombamento ou registro patrimonial. Na situação analisada, evidencia a experiência de educação patrimonial desenvolvida na escola pública do distrito rural do Ribeirão Pequeno.

Palavras-chave: Memória. Patrimônio. Educação patrimonial.

Abstract: This visual essay aimed at highlighting the reconstruction processes of expressive manifestations and the cultural heritage in school contexts. Empirically, the author exposes a sequence of ten images collected during an ethnographic study developed in Laguna, Santa Catarina, whose purpose was to analyze the relation between school education and cultural heritage awareness raising in cities that went through processes of heritage protection or heritage listing. In the situation under analysis, the heritage education experience developed in the public school of the rural district called Ribeirão Pequeno was focused.

Keywords: Memory. Heritage. Heritage education.

Laguna é um município localizado no litoral sul do Estado de Santa Catarina. Fundada em 1676, trata-se de uma das mais antigas cidades do Brasil, cuja colonização remete à presença dos açorianos no país.

¹ Apoio financeiro: FAPERGS.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Coordena estudos e pesquisas sobre educação e processos de patrimonialização cultural. E-mail: rodrigoddsilva@hotmail.com

As referências históricas à Laguna são ainda mais antigas. O Tratado de Tordesilhas, por exemplo, acordo diplomático realizado entre Portugal e Espanha realizado em 1494, incidia sobre uma linha imaginária (meridiano) a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, dividindo as terras conhecidas (e por conhecer) entre os dois países europeus. Este marco simbólico dos processos colonizadores modernos cruzaria Laguna e, hoje, há um monumento na entrada da cidade com tal simbolismo. Outro marco histórico refere-se à presença dos *sambaquianos*, cujos registros datam que viveram na região há 8 mil anos. Seus vestígios foram encontrados pelos indígenas que viveram posteriormente na região, que os batizaram de *sambaquis*, tratando-se de restos de alimentação, crustáceos, conchas, lanças e utensílios em geral. De complexa significação, estes artefatos formaram os sambaquis da Carniça e da Garopaba do Sul, espaços de grande interesse arqueológico e etnológico na atualidade.

Há, nesta região catarinense, registros da presença de grupos indígenas tupi-guarani. Estes desenvolveram a cerâmica e algumas técnicas de agricultura. Contudo, restaram poucos vestígios de sua existência, apenas fragmentos de sua produção cultural permanecem no imaginário local, como a pesca, elementos da gastronomia (o pirão, o cuscuz e o biju) e na toponímia do entorno da cidade. A presença cultural mais lembrada é a imigração açoriana. Na correlação de forças locais, mesmo que exista registro da presença de outros imigrantes europeus, a figuração açoriana prevaleceu. A partir de 1747, o governo português começou a estimular a emigração açoriana para o Brasil e estes começaram a desembarcar no Sul do Brasil. Há fontes que evidenciam a chegada de 60 famílias em Santa Catarina, no ano de 1748, sendo que cada família recebeu aproximadamente 242 hectares de terra, ferramentas, sementes, animais e armas (FLORES, 2003). Diversas são as marcações que apresentam elementos identitários oriundos da colonização açoriana. As edificações, os monumentos, a cerâmica lusitana, a arquitetura popular portuguesa, além das festas como a Festa do Divino Espírito Santo.

Outro elemento histórico presente na memória local refere-se aos acontecimentos da Revolução Farroupilha. Em 1839, Laguna foi conquistada pelos revolucionários liderados pelo italiano Giuseppe Garibaldi, proclamando, no mesmo ano, a fundação da República Juliana ou Catarinense. O movimento foi muito breve no município, contudo a imagem de Anita Garibaldi, esposa de Giuseppe e natural de Laguna, ainda é preservada. Há a Casa de Anita, no centro histórico - edificação construída em 1711 e restaurada na década de 1970 que opera como um relicário da heroína - e o Museu de Anita - antiga residência do município e local onde foi promulgada a República Juliana.

Em 1985, o centro histórico de Laguna foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Constituindo um relevante acervo paisagístico, aproximadamente 600 edificações de diversos estilos arquitetônicos e influências de imigração tornaram-se patrimônio nacional.

Imagem 1: Marco de Tordesilhas



Fonte: Acervo da Pesquisa

Imagem 2: A lagoa e a cidade



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 3: Casa Pinto D'Ulisséa e os azulejos lusitanos



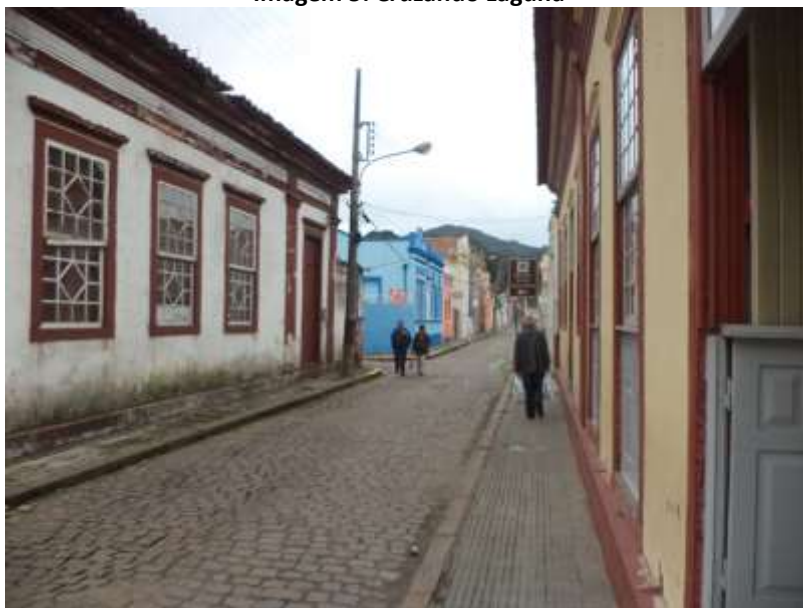
Fonte: Acervo da Pesquisa

Imagem 4: Anita e as memórias da cidade



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 5: Cruzando Laguna



Fonte: Acervo da Pesquisa

Imagem 6: Casa de Anita



Fonte: Acervo da Pesquisa

Entre 2012 e 2013, realizamos uma pesquisa sobre políticas e experiências de educação patrimonial desenvolvidas no município. Caminhando entre os “lugares da memória” lagunense (NORA, 1993), como a Casa Pinto D’Ulisséa ou a Casa de Anita, identificamos poucas experiências em educação patrimonial, além da inexistência de uma política municipal para o setor. Contudo, encontraríamos um projeto de educação

patrimonial para além do casario tombado pelo IPHAN. Conhecemos a Escola Gregório Manoel de Bem, localizada no distrito rural do Ribeirão Pequeno.

Laércio Vitorino de Jesus Oliveira foi nomeado professor para este educandário público em 1990. No decorrer de sua docência, como relata em livro (OLIVEIRA, 2010), percebeu o desconhecimento das pessoas em relação a aspectos da cultura local. Mais do que isso,

nossas crianças pareciam envergonhar-se da própria cultura: na sala de aula diziam que não apreciavam a brincadeira do boi de mamão, mas nas festas juninas estavam embaixo do boi brincando; na hora do recreio deixavam o lanche da escola para comer cachorro-quente, salgadinho ou refrigerante no bar, mas em casa comiam batata doce, aipim no café e pirão de peixe no almoço (OLIVEIRA, 2010, p. 19).

Tais constatações desencadearam a produção de uma experiência de educação patrimonial de longa duração. Inicialmente, por volta do ano 2000, professor e alunos começaram a caminhar juntos pelo distrito rural do Ribeirão Pequeno e, com câmera em punho, coletaram imagens da história dos lugares e das pessoas. Encontraram referências sobre os brinquedos e as brincadeiras, os engenhos, as artes da pesca e dos pescadores, o boi de mamão, os ternos de reis, a culinária açoriana e as crendices (OLIVEIRA, 2010).

Em seguida, começaram a reconstruir lugares do bairro dentro da escola, em uma Feira Cultural. Entre 2001 e 2004, foram à campo entrevistas os idosos das comunidades, visando recuperar suas memórias daquilo que viveram no Ribeirão Pequeno e adjacências, bem como histórias e lembranças de como viviam seus antepassados. Em 2004, essa experiência foi premiada pelo concurso “Tesouros do Brasil”, obtendo o primeiro lugar na categoria “Memória”. A referida premiação intensificou as visitas aos moradores e a experiência escolar, mediante apoio do IPHAN, converteu-se em projeto de livro sobre o Ribeirão Pequeno.

A partir de 2007, o projeto tornou-se o “Grupo Cultural Casa da Dindinha”, envolvendo ações de conservação patrimonial e ações folclóricas. Referências às identidades dos imigrantes açorianos são progressivamente reconstruídas no cotidiano escolar através de uma exposição itinerante, indumentária típica, grupo de danças e músicas do arquipélago dos Açores, grupos de artesanato (confecção de bonecas de pano, louças de barro, pião, balaios, etc.), grupo de cantadores (folias de reis, boi de mamão, pau de fita, chimango). Há, hoje, uma sala da escola destinada ao acervo de objetos coletados na comunidade que visa demonstrar como viviam os antepassados açorianos, o lugar recebe a denominação “Casa da Dindinha” – referência ao modo pelo qual os referidos imigrantes chamavam suas avós.

Em entrevista, Laércio define sua experiência de educação patrimonial como

um trabalho de reconstrução daquilo que estava perdido. Hoje, assim, eu consegui fazer com que esta juventude valorizasse seus velhos e com que os próprios velhos se valorizassem, entendeu? Aquilo que para eles era vergonhoso hoje é destaque, eu acho que, de certa maneira, todo este trabalho fez com que o pessoal percebesse o valor daquilo que eles não estavam mais valorizando, daquilo que eles estavam começando a ter vergonha (OLIVEIRA, 2010).

Em termos socioantropológicos, a experiência de educação patrimonial aproxima-se a ideia de “reconstrução de manifestações expressivas”, tal como elaborada por Pedro Martins. Segundo o estudioso, trata-se de uma “categoria de análise que deve englobar todas as manifestações capazes de exprimir uma forma ou conteúdo estético aliado a qualquer conteúdo identitário” (MARTINS, 2009, p. 243), utilizada para analisar as manifestações expressivas de uma comunidade cabo-verdiana residente em Lisboa. Ao migrarem para a capital portuguesa, um novo contexto sociocultural, novas produções culturais e identitárias são engendradas.

Quanto à experiência do Ribeirão Pequeno, há uma evidente articulação entre educação patrimonial e conteúdos identitários. O inventário e a seleção de manifestações culturalmente expressivas orientaram tal proposta educativa, assim como acompanham uma tendência dos processos contemporâneos de patrimonialização cultural, nos quais se reconfiguram as definições de patrimônio e se evidencia a porosidade nas fronteiras entre o que se define como patrimônio material e imaterial. Assim, a Casa da Dindinha, o boi de mamão e a reconstrução do imaginário da imigração açoriana na escola compuseram uma pauta formativa por serem representativos deste universo simbólico. Sendo a memória social resultado de disputas sociais entre memórias concorrentes (POLLAK, 1989), outras expressividades poderiam ter sido selecionadas e toda seleção se torna passível de revisão crítica. Em tais seleções, certas memórias se tornam “subterrâneas” em detrimento de outras que se oficializam (POLLAK, 1989).

Como escreveu Canclini (2006), o circuito sociocultural vinculado a elementos histórico-territoriais manifesta, na atualidade, o patrimônio histórico e a cultura popular tradicional através de um conjunto de saberes, costumes e experiências organizadas ao longo de várias temporalidades e espacialidades. Ao mesmo tempo, muitas vezes este patrimônio cultural não é alvo de ações conservacionistas oriundas do Estado, tampouco as manifestações da cultura popular – comunidades tradicionais, camponesas, pesqueiras, populações empobrecidas, etc. – são objeto de interesse nos

circuitos globais da mercantilização das culturas. Nestas situações, a escola se torna um agente estratégico dos processos de patrimonialização cultural.

Imagem 7: Os alunos do Ribeirão Pequeno



Fonte: Acervo da Pesquisa

Imagem 8: Boi de mamão: artesanato escolar



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 9: Interior do Museu Escolar Casa da Dindinha



Fonte: Acervo da Pesquisa

Imagem 10: Grupo folclórico açoriano



Fonte: Casa da Dindinha (<http://casadadindinhalaguna.blogspot.com.br/>)

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

FLORES, Moacir. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

MARTINS, Pedro. Cabo-verdianos em Lisboa: manifestações expressivas e reconstrução identitária. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 31, p. 241-269, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória**: um patrimônio irrenunciável: comunidades do Distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna. Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.